

**LINGUAGEM DA IMEDIATEZ – LINGUAGEM DA
DISTÂNCIA: ORALIDADE E ESCRITURALIDADE
ENTRE A TEORIA DA LINGUAGEM E A HISTÓRIA
DA LÍNGUA / *LANGUAGE OF IMMEDIACY - LAN-
GUAGE OF DISTANCE: ORALITY AND LITERACY
FROM THE PERSPECTIVE OF LANGUAGE
THEORY AND LINGUISTIC HISTORY***

Peter Koch e Wulf Oesterreicher***

Versão para o português: *Hudinilson Urbano*** e Raoni Caldas*****

Nos últimos anos, a relação entre a linguagem oral e a escrita, entre a oralidade e a escrituralidade, tornou-se, com razão, um dos objetos centrais da pesquisa na área da linguística¹. Apesar disso, a discussão de tais temas é dificultada

* Professor Catedrático da Universidade Eberhard-Karls de Tubinga, Baden-Württemberg, Alemanha; peter.koch@uni-tuebingen.de

** Professor Catedrático emérito da Universidade de Munique, Baviera, Alemanha; wulf.oesterreicher@romanistik.uni-muenchen.de

*** Doutor pela Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, Brasil; prof.urbano@valcapelli.com

**** Mestrando pela Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, Brasil; raoninosul@gmail.com

¹ Trata-se da tradução do artigo alemão “Sprache der Nähe - Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte”, retirado do periódico *Romanistisches Jahrbuch*, 1985, vol. 36. Já o título em inglês é *Variation, Contact, and Change. Papers in Honour of Ursula Schaefer*, conforme a publicação da tradução da obra, que integra o livro *Communicative Spaces*. A versão para o português foi revista e aprovada pelos autores e, nesse sentido, estendemos nossos agradecimentos a Benjamin Meisnitzer, Universidade de Munique,

por uma série de incertezas e confusões conceituais, assim como por desentendimentos objetivos, relativos principalmente ao seguinte conjunto de problemas:

1. o relacionamento das linguagens oral e escrita com as outras variedades linguísticas dos idiomas;
2. o fato de determinados enunciados orais apresentarem, em seu aspecto formal, poucas diferenças em relação a enunciados escritos e, por outro lado, de determinados textos escritos possuírem marcas nítidas da oralidade;
3. a conceituação de linguagem escrita e oral como modalidades de comunicação diferenciadas e suas possibilidades de fundamentação;
4. o significado do discurso relacionado com a “primazia” da linguagem oral;
5. o caráter de certas marcas da linguagem oral e da linguagem escrita, que podem ser consideradas tanto idiomáticas quanto comuns aos diversos idiomas e a importância destas marcas para a “unidade” de um idioma;
6. a condição primária da linguagem oral e as consequências da transição para a linguagem escrita.

A seguir, serão expostas algumas importantes diferenciações conceituais e esclarecimentos objetivos em relação a esses pontos.

1 Variedades linguísticas e linguagem oral/escrita

Podem ser considerados como atributos gerais da linguagem humana, em qualquer caso, a semanticidade, a alteridade, a criatividade, a historicidade, a exterioridade e a discursividade. A historicidade engloba simultaneamente não somente a desigualdade (externa) entre os idiomas, como também a variação e a diferenciação (internas) da linguagem². Ao contrário de determinadas linhas de pesquisa da linguística estruturalista, nas quais a variação linguística é metodicamente excluída ou simplesmente ignorada, Eugenio Coseriu considera o

pela leitura cuidadosa e comentários críticos a esta versão. Neste trabalho, algumas notas de rodapé e referências bibliográficas de textos de difícil acesso para o público brasileiro foram omitidas. Elas encontram-se no artigo em língua inglesa.

² Cf. Coseriu (1975, p. 127- 136, 154 e nota nº 15).

fenômeno da variação linguística colocando lado a lado os conceitos de *estrutura* (de uma língua funcional) e de *arquitetura* (de um idioma histórico). Desse modo, Coseriu categoriza as variedades intrínsecas desta arquitetura como *diatópica*, *diatrática* e *diafásica*, que, em conjunto, compõem o *diassistema* de um idioma³. Esse modelo tridimensional da variação linguística é altamente relevante, mas um panorama completo da variação de um determinado idioma histórico só pode ser alcançado quando se inclui adicionalmente o parâmetro *oral/escrito*, que pode ser considerado de certo modo como “transversal” e não redutível a essa diferenciação diassistemática. Mesmo assim, naturalmente, existem afinidades entre a linguagem oral e a escrita e determinadas variações dentro das três dimensões do diassistema. Desse modo, variedades diatópicas fortemente marcadas (dialetos, regioletos) possuem proximidade com a oralidade, assim como variedades diatráticas classificadas como “baixas” (“linguagem popular”, gírias). Do ponto de vista da variação diafásica, a proximidade de registros “inferiores” (familiar, vulgar etc.) com a oralidade é tão evidente que, ao longo da história das pesquisas linguísticas, não raramente foi estabelecida uma identificação entre ambos, como, por exemplo, no conceito de “língua coloquial” (*Umgangssprache*). A diferenciação entre os conceitos “oral” e “escrito” não pode ser subordinada à dimensão diafásica, o que é comprovado pela seguinte observação (cf. capítulo 5): a colocação de ocorrências linguísticas em uma escala relativa à oralidade não corresponde à colocação da mesma ocorrência em uma escala relativa à escrituralidade. Tão grande é a falta dessa correspondência que, por exemplo, o registro escrito “familiar” corresponde ao registro oral “neutro”.

A seguir será contemplado prioritariamente o aspecto *oral/escrito*, abstraindo-se das três dimensões diassistemáticas.

2 Linguagem oral/escrita: meio e concepção

As já citadas dificuldades de classificação dos conceitos “oral” e “escrito” foram finalmente esclarecidas, em seus pontos principais, por Ludwig Söll, por

³ Coseriu tomou emprestado os termos “estrutura”, “arquitetura”, “diatópico” e “diatrático” de Flydal (1951). Em relação a esses termos, e também para uma concisa exposição das dimensões da variação linguística, deve-se consultar Coseriu (1970, p. 32ss; 1981a, p.302-318).

meio de uma dupla distinção conceitual⁴. Por um lado, é possível a diferenciação, no âmbito do meio, entre o código fônico e o código gráfico, como as duas formas de realização para as expressões linguísticas. Por outro, é possível a diferenciação, de acordo com as estratégias comunicativas, da concepção das expressões linguísticas, entre os modos oral e escrito. Resultam, logicamente, quatro possibilidades de combinação de meio e concepção que serão expostas no esquema a seguir com exemplos do francês, adaptando as ideias de Söll:

		Concepção	
		oral	escrita
Meio	código gráfico	faut pas le dire	il ne faut pas le dire
	código fônico	[fopaldir]	[ilnəfopalədir]

Fig.1

Como existem afinidades particulares entre a concepção oral e a realização em código fônico, por um lado, e a concepção escrita e a realização em código gráfico, por outro, as combinações “oral + fônico” (Exemplo: conversa casual entre amigos) e ESCRITO + GRÁFICO (Exemplo: ato jurídico) são, sem dúvida, prototípicas. Obviamente existem também formas de comunicação que correspondem às outras possibilidades de combinação (Exemplos: conferência universitária = escrito + fônico; entrevista publicada = oral + gráfico).

Pela correta análise dessa diferenciação dupla, é possível verificar que a relação entre os códigos fônico e gráfico deve ser entendida no sentido de uma dicotomia estrita, enquanto a diferenciação entre “oral” e “escrito” estabelece um contínuo de possibilidades de concepção com gradação numerosa⁵. Desse modo, algumas formas de expressão podem ser descritas, com uma tipificação rudimentar e preliminar, como (a) conversa casual entre amigos, (b) conversação telefônica

⁴ Essa diferenciação dupla é frequentemente citada, mas raramente aplicada consistentemente (cf. SÖLL, 1985, p.17-25). Após diversos linguistas terem observado o problema, Söll oferece, sem dúvida, a solução terminológica e conceitual mais adequada.

⁵ Nesse sentido aponta especialmente Söll (1985, p.23s.), ao falar sobre a exclusão em relação ao meio e sobre a intersecção em relação à concepção.

com um amigo, (c) entrevista pública, (d) entrevista publicada, (e) depoimento em um diário pessoal, (f) carta privada, (g) apresentação pessoal (em uma entrevista de emprego), (h) sermão, (i) conferência universitária, (j) artigo científico e (k) ato jurídico (peças processuais, leis). Nessa sequência, as expressões linguísticas estão caracterizadas de acordo com uma decrescente orientação para a oralidade e uma crescente orientação para a escrituralidade, tratando-se somente de uma disposição relativa, e não de uma estrita sistematização das formas de expressão de acordo com a tipologia textual. Para relacionar os graus desse contínuo em conjunto com as duas formas de realização (fônico/gráfico), sugere-se o seguinte esquema provisório, no qual são ilustradas as formas de expressão de *a* a *k*:

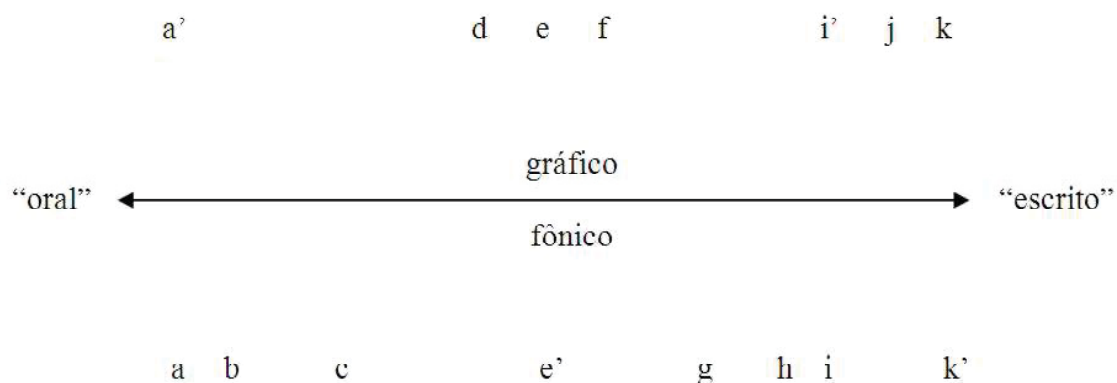


Fig.2

Obviamente são sempre possíveis as transposições de cada uma das formas de expressão para o outro modo de realização (Exemplos: leitura do depoimento em um diário pessoal = *e'*; impressão de uma conferência universitária = *i'*)⁶. As formas de expressão correspondentes a *a'* e *k'* existem somente graças a esse tipo de transposição de meio. Desse modo, a forma de expressão *k'* (declamação, no sentido de uma mera leitura em voz alta, de um ato jurídico) representa uma prática extrema, mas culturalmente difundida há muito tempo; *a'* (transcrição de uma conversa casual entre amigos), por outro lado, é dependente de meios técnicos de apoio específicos, como aqueles dos quais dispomos hoje em dia (gravação de fitas de áudio, vídeo), servindo a propósitos bem específicos, na maior parte dos

⁶ Cf. Lyons (1981, p.11): “[...] it is possible to read aloud what is written and, conversely, to write down what is spoken [...] we will say that language has the property of ‘medium-transferability’. This is a most important property - one to which far too little attention has been paid in general discussion of the nature of language.”

casos científicos. Antes do advento de tais meios de apoio, expressões linguísticas cuja forma corresponde ao maior grau de oralidade nunca podiam ser transcritas (esse assunto será retomado).

Conforme indicado pela possibilidade de transposição de um meio para o outro, a comparação entre o código gráfico e o código fônico – que, sobretudo num idioma como o francês, traz à tona outros pontos de vista importantes – não fornece informações relativas à diferenciação das variedades no âmbito da oralidade e da escrituralidade. A seguir o contínuo concepcional com os polos “oral” e “escrito” estará no centro de nossas reflexões sobre os conceitos de oralidade e escrituralidade.

3 Imediatez – Distância: Condições de comunicação e estratégias de verbalização

Em uma reanálise acurada das formas de expressão linguística *a - k* apresentadas, é possível verificar que seu posicionamento relativo no contínuo concepcional resulta da cooperação de diversos parâmetros comunicativos: relação social, número e situação espaço-temporal dos parceiros de comunicação; troca entre os locutores; fixação ao tema; grau de privacidade do ato comunicativo; espontaneidade e cooperação; o papel dos contextos linguísticos, situacionais e socioculturais (conhecimento compartilhado, valores e normas sociais etc.). As seguintes condições de comunicação podem ser tipicamente caracterizadas como de oralidade extrema em oposição à escrituralidade extrema, cuja cooperação resulta em diferentes tipologias de constelação discursiva:

- a distribuição de papéis entre os parceiros da comunicação é livre na linguagem oral, e a troca de papéis é regida *ad hoc* (dialogicidade). De modo contrário, a linguagem escrita indica uma distribuição de papéis fixa, tendendo à completa monologicidade;

- a partir do conceito de alteridade de Coseriu é possível afirmar: comunicação é sempre cooperação. Desse modo, na linguagem oral, a produção e a recepção estão, sem dúvida, interligadas: produtor e receptor negociam conjuntamente a progressão e o conteúdo da comunicação; o recipiente demonstra reações linguísticas e não linguísticas concomitantes e pode a qualquer momento intervir, questionar (*feedback*). Por outro lado, na linguagem escrita, a produção e a recepção – mesmo quando ocorrem simultaneamente (conferência universitária)

– estão “desconectadas”; isto significa que o produtor deve se preocupar previamente com os interesses do(s) receptor(es);

- na linguagem oral, os parceiros se encontram em uma comunicação *face-to-face* (proximidade física e interação) e/ou comunicam sobre elementos do contexto no qual estão situados ou considerados como óbvios. É comum a existência de muito conhecimento mútuo. Na linguagem escrita, o receptor ou, na maior parte das vezes, um número indefinido de receptores se assemelha mais a uma entidade anônima do que a um parceiro individual; a comunicação possui caráter público; elementos dos contextos situacional e sociocultural precisam, na medida do possível, ser verbalizados. Desse modo, o contexto linguístico obtém grande importância⁷;

- o caráter imediato da comunicação oral, referido nos tópicos anteriores, possibilita uma grande espontaneidade; o planejamento pode ocorrer sem muito custo, durante o próprio ato de expressão linguística (correções próprias ou dos parceiros, hesitações etc.). Na linguagem escrita, fortemente “mediada”, existe a necessidade de um maior esforço no planejamento refletido, devido ao distanciamento da situação, possível graças à dissociação entre a produção e a recepção;

- espontaneidade geralmente significa também que existe uma expressividade mais forte e participação afetiva, fatores que são restringidos na linguagem escrita.

Desse modo, torna-se claro que o contínuo apresentado acima não deve ser pensado de modo algum como simplesmente linear. Por se tratar do produto da cooperação das variáveis apresentadas, que constituem diferentes formas de

⁷ Cf. Coseriu (1981b, p. 101): *Uma das mais importantes diferenças entre a linguagem escrita e a linguagem oral consiste no fato de a primeira, ao contrário da última, não poder utilizar facilmente todas as possibilidades de contextos externos ao discurso. Pelo contrário, a linguagem escrita precisa criar esse contexto pelo próprio discurso. Os contextos externos ao discurso são reproduzidos no próprio texto para depois, como na linguagem oral, serem utilizados visando outras determinações.*

Os pólos extremos “oral” e “escrito” e sua relação com o contexto discursivo e não discursivo foram descritos de forma plástica por Bühler (1934, p.156), em “Ilha de linguagem [...] no mar da comunicação taciturna, porém inequívoca.” e também pelo dito de Olson (1977, p.277) “[...] all of the information relevant to the communication of intention must be present in the text”. Tanto Bühler quanto Olson observam as implicações ontogênicas destes dois diferentes modos de comunicação.

comunicação, de acordo com suas diferentes combinações e ênfases possíveis, é possível, na verdade, imaginar um espaço composto por diversas dimensões entre os dois polos. A combinação dos fatores “diálogo”, “troca livre entre os participantes”, “familiaridade com o parceiro”, “interação *face-to-face*”, “desenvolvimento livre dos temas”, “caráter privado de familiaridade”, “espontaneidade”, “caráter participativo mais intenso”, “entrelaçamento com a situação”, etc. caracteriza o polo “oral”. A forma de comunicação correspondente a este polo pode ser melhor denominada pelo conceito de linguagem da imediatez. Analogicamente a combinação dos fatores “monólogo”, “inexistência de câmbio entre os locutores”, “desconhecimento do parceiro”, “distância espacial e temporal”, “tema fixo”, “caráter público”, “reflexibilidade”, “caráter participativo pouco intenso”, “não entrelaçamento com a situação” etc., caracterizam o polo “escrito”. A forma de comunicação correspondente a esse polo será definida como linguagem da distância⁸. Assim, torna-se possível a definição do contínuo concepcional como o espaço dentro do qual os componentes linguísticos da imediatez e da distância, servindo como parâmetros específicos, misturam-se e constituem, desse modo, formas de expressão específicas.

Das condições comunicativas correspondentes à imediatez e à distância resultam nas expressões linguísticas determinadas preferências por diferenciadas estratégias comunicativas e meios:

- da dialogicidade e do pouco planejamento resultam a “processualidade” e a efemeridade das expressões pertencentes à linguagem da imediatez, em oposição à “reificação” e à tendência à perenidade das expressões linguísticas caracterizadas pela distância (“textos” *stricto sensu*). Após a linguística moderna ter, por motivos igualmente válidos, estendido o conceito de texto a todo tipo de expressão linguística, independente do meio ou concepção, coloca-se em nossa contextualização o questionamento relativo à necessidade e ao poder de esclarecimento de uma separação entre o “discurso” (como expressão da linguagem da imediatez) e o “texto” (como expressão da linguagem da distância)⁹;

⁸ O termo “distância” não deve de modo algum ser associado a uma nuance depreciativa. Trata-se do correspondente linguístico do princípio de uma necessariamente “escalonada” relação humana com a realidade, princípio estudado especialmente pela antropologia e fenomenologia modernas. Quando falamos sobre “distância”, não se trata de “inautenticidade comunicativa”, nem de “alienação linguística”.

⁹ É interessante para nossos questionamentos a diferenciação de Olson (1977, p.258): “more informal oral-language statements, which I shall call ‘utterances’ vs. explicit,

- nesse ponto, torna-se inequívoco que devem existir afinidades entre o termo definido como “discurso” e o efêmero código fônico, por um lado, e entre o termo “texto” e o “reificado” código gráfico, por outro;

- a partir da relativa separação em relação à situação e da necessária (e possível) complexidade do planejamento disso resultante, é possível o esclarecimento da concisão, da complexidade e da densidade informacional das expressões características da linguagem da distância (textos). A elaboração integrativa é oposta à verbalização mais econômica (devido ao apoio da situação etc.). Ao contrário da última, a primeira é mais extensa e menos integrada (devido a um menor planejamento e à processualidade) ao discurso-imediato. A complexidade e a integração do texto-distante exigem, acima de tudo, uma verbalização mais custosa e “mais rica”, sob o ponto de vista da sintaxe (hipotaxe etc.). Para o discurso-imediato, nesse sentido, é certamente característica a “parcimônia” – isso é demonstrado, de certo modo, pelo predomínio da parataxe e pelas holófrases, que possibilitam a economia do ponto de vista pragmático pelas partículas enfáticas¹⁰. Uma verbalização rica pode ser constatada na linguagem da imediatez, certamente no campo semântico-lexical, devido à maior afetividade (“palavrões”, acumulação afetiva de sinônimos etc.);

- já foi dito que na comunicação é possível a operação com elementos discretos (digitais) ou com elementos holísticos e contínuos (analógicos). É possível agora afirmar que elementos e procedimentos analógicos são favorecidos na comunicação imediata; a ela pertence não somente o contexto situacional, como também os meios comunicativos não verbais, a gestualidade, a mímica etc., além da entonação – procedimento que serve de modo especial à afetividade e expressividade. Na linguagem da distância, o peso recai mais fortemente, mas não totalmente, sobre procedimentos digitais.

written prose statements, which I shall call ‘texts’”. O “texto” é compreendido como forma de expressão caracterizada pelo distanciamento linguístico, é especialmente destinado a ser um “discurso reutilizável” (*Wiedergebrauchsrede*) (LAUSBERG, 1963, p. 28s.).

¹⁰ Ao falar sobre a “sequência progressiva” do idioma francês, Bally oferece um bom exemplo da coesão da linguagem da distância: “*Ils cédèrent parce qu’on leur promit formellement qu’ils ne seraient pas punis*”. No *parlé élégant* se traduz, de forma condensada: “*Ils cédèrent à une promesse formelle d’impunité*” (BALLY, 1965, p.236).

Como resultado de nossos esforços definitórios, apresentamos o seguinte esquema global, no qual os dois triângulos marcam a afinidade do meio com cada uma das concepções. A posição relativa das formas de expressão *a - k* indica o grau de imediatez ou distância¹¹:

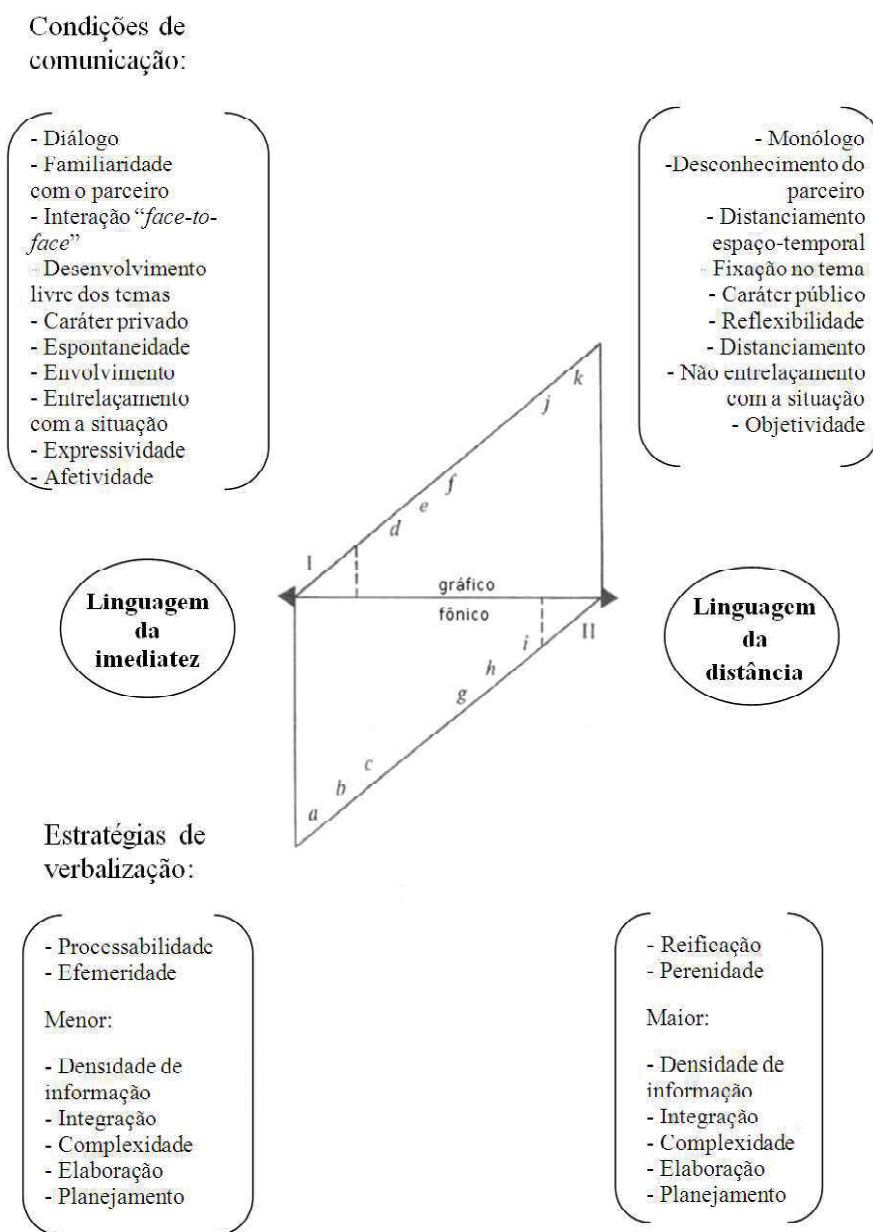


Fig.3

¹¹ Os pequenos triângulos internos I e II são destinados às formas de expressão que só existem pela transposição do meio, respectivamente *a'* e *k'* na Figura 2.

Há duas especificações importantes. (1) Naturalmente são traços distintivos de determinadas formas de expressão da escrita literária fatores como “espontaneidade”, “familiaridade”, “expressividade”, “participação afetiva”. Quem negaria que esses traços podem assinalar as características mais fascinantes da literatura e que é possível falar sobre uma “nova” e “alta” proximidade expressa nestes textos? Porém, não deve ser desconsiderado o fato de que nesse caso se trata de uma proximidade produzida com o auxílio de certos signos distintivos caracterizados pela linguagem da imediatez¹². Essa imediatez produzida aparece graças a uma característica dupla: ela ocorre de modo global, caso o próprio texto “comunique” de forma imediata, ao evidenciar uma estrutura completa de comunicação linguística imediata (determinadas formas poéticas etc.), ou ela ocorre parcialmente, se o autor do texto, de modo mimético-imitativo – quase como uma citação – fizer inserções caracterizadas pela imediatez linguística (caracterização das personagens, “cor” local etc., como, por exemplo, o diálogo na *Cena Trimalchionis*, de Petronio, ou *Zazie dans le métro*, de Raymond Queneau). De forma oposta, pode ser produzida uma distância parcial em um discurso imediato, inserida por um componente exageradamente explícito, complexo e fortemente integrado – geralmente acompanhado por sinais fonético-entonacionais e mímico-gestuais correspondentes. Nesse caso, está presente também um uso estilístico, que carece de interpretação: a citação caracterizada pela distância linguística pode, por exemplo, sinalizar um sentido paródico ou irônico da expressão, servindo nesses casos à expressão da afetividade linguística. (2) No que concerne às estratégias de verbalização, também naturalmente nos deparamos, na escrita literária, com textos fragmentários, desintegrados e não planejados (por exemplo, a reprodução do fluxo de consciência nos romances). Nesses casos, também se considera que a linguagem e a construção do texto (que, ao serem observadas superficialmente, igualam-se a formas de apresentação com características da imediatez linguística) são produzidas e funcionam de modo totalmente diferente, além de que também devem ser interpretadas de forma completamente diferente do fenômeno oral correspondente. Esses textos geralmente são destinados a uma recepção concentrada, para a qual são requeridas a fantasia e a criatividade do receptor.

¹² No contexto do problema apresentado, naturalmente, também devem ser discutidas as formas de consciência linguística, de intuição linguística e de senso linguístico, assim como os diferentes ideais de estilo.

4 A primazia da linguagem oral

Não é somente entre leigos com algum tipo de formação que persiste insistentemente a noção de que a linguagem oral deveria ser considerada um modo deficiente da linguagem “autêntica”, ou seja, da linguagem escrita. Desse modo, por muito tempo a linguagem escrita foi considerada como objeto exclusivo de estudo das pesquisas linguísticas. Isso ocorria tanto por motivos relacionados às teorias linguísticas (fixação da norma segundo um ideal linguístico literário, indiferente e independentemente da evolução histórica da respectiva língua) quanto por motivos metodológicos (volubilidade das expressões orais). A primazia da linguagem escrita já havia sido enfatizada desde o século XIX, por exemplo, por Humboldt e pelos neogramáticos (*Junggrammatiker*). Na linguística moderna, mesmo que geralmente se considere a igualdade entre “oral” e “fônico”, por um lado, e “escrito” e “gráfico” por outro, também existem referências ao fato de que a escrita foi adquirida e desenvolvida após a fala, de acordo com uma perspectiva filogenética, ontogênica e histórica¹³. Isso pode, naturalmente, levar facilmente a novas constatações, na medida em que se insiste na primazia das condições linguísticas de comunicação necessárias, teoricamente, para a definição da linguagem oral; em resumo, quando se parte dos determinantes da “imediatez comunicativa” (em oposição à “distância comunicativa”). O conjunto de fatores como proximidade em relação à situação, pouco planejamento, dialogicidade etc., pode ser considerado, de acordo com Talmy Givón, como condição de um “modo pragmático” de comunicação, podendo ser contrastado ao conjunto de condições de um “modo sintático” (afastamento em relação à situação, planejamento, monologicidade etc.). Entre os dois modos comunicativos existe uma correlação estrita, na qual o modo sintático figura como derivado, secundário. As condições de comunicação correspondentes ao modo pragmático não são particularmente típicas da linguagem oral, como também:

- aos *Pidgins* (em oposição às línguas crioulas);
- às fases filogenéticas anteriores (em oposição às posteriores) ao desenvolvimento da linguagem, que, em fases ontogênicas anteriores (em oposição às posteriores), são parcialmente repetidas. Conhecimentos da pesquisa da afasia apontam, de certo modo, no mesmo sentido.

¹³ Cf. Saussure (1916, p. 41, 45); Lyons (1968, p.38 ss.; 1981, p.11ss.). Bally (1965, p.24-25) discute claramente o aspecto concepcional.

A partir dessas bases, torna-se inclusive simples a integração das linguagens oral e escrita numa perspectiva filogenética e ontogênica global (cf. Fig. 4). A linguagem oral (C), que não é absolutamente idêntica às fases filogenéticas e ontogênicas anteriores ao desenvolvimento da linguagem (A, B), conserva até determinado grau suas condições comunicativas (proximidade em relação à situação etc.) e suas estratégias de verbalização (verbalização parcimoniosa etc.), estabelecendo, desse modo, uma aproximação do modo pragmático. Por outro lado, ela indica claramente rudimentos do afastamento em relação à situação e da “sintaxização”. Já na linguagem escrita (D), esses rudimentos possuem tamanha afinidade com o modo sintático (com verbalização mais rica e complexa), que são atingidos, do ponto de vista das possibilidades do sistema linguístico, os graus máximos de afastamento em relação à situação, de monologicidade, de falta de afetividade etc. Concomitantemente, não são utilizadas as estratégias de verbalização relativas às condições de comunicação contrárias, econômicas e pouco integradas, apesar de estarem disponíveis no sistema linguístico:

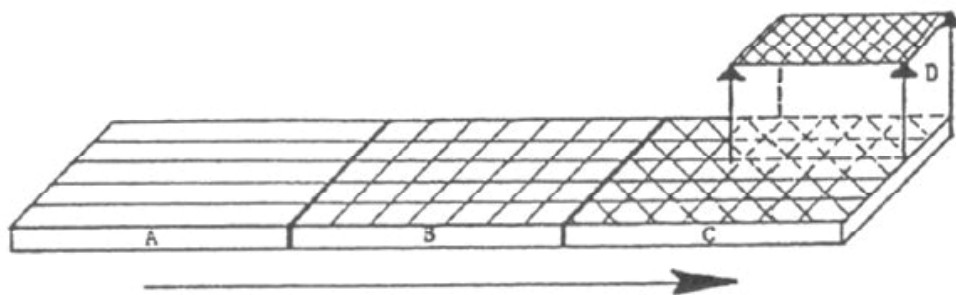


Fig.4

Essas evidências da primazia genética, histórica e comunicativa da linguagem oral (imediatez) não estão ligadas a uma desvalorização da linguagem escrita (distância); seria impossível enaltecer de modo suficiente o alto valor das competências cognitivas individuais e das conquistas civilizatórias da humanidade possibilitadas por meio da escrita¹⁴.

¹⁴ Trata-se de um tema caro ao Iluminismo, que acentua a importância da escrita para o desenvolvimento mental do indivíduo e para o progresso da sociedade.

5 Linguagem oral e escrita: marcas universais e idiomáticas

Das condições de comunicação e estratégias de verbalização descritas resultam, compulsoriamente, em todas as línguas históricas, certos tipos de fenômenos que – apesar de todas as peculiaridades das características idiomáticas – devem ser válidos como marcas universais da linguagem da imediatez (oral) e da linguagem da distância (escrita). Isso configura os seguintes fenômenos relativos à linguagem da imediatez, pertinentes a diferentes níveis da linguagem (o complemento correspondente ao campo da linguagem da distância pode ser facilmente adicionado por analogia):

– no campo *morfossintático*, deve-se ter em mente a deslocação dos membros da frase, anacolutos, “debilidades” na congruência, expressões holofrásticas, fenômenos de segmentação, a sequência rema-tema, assim como uso econômico da hipotaxe;

– no campo *lexical*, podem ser nomeadas palavras *passé-partout*, pobreza lexical, relação entre caso e tipo (*type-token-relationship*) mais pobre. Por outro lado, há construções expressivas (hipérboles, palavrões etc.) e riqueza lexical em circuitos semânticos bem definidos;

– no campo *textual-pragmático*, são encontrados sinais do falante e do ouvinte, interrupções de hesitação, marcadores de retificação, sinais de estruturação, partículas enfáticas; o tempo da narrativa é geralmente o presente, a reprodução de diálogos é preferencialmente realizada pelo discurso direto; são estipuladas outras exigências para a coerência textual.

Tais fenômenos universais, do modo como são evidenciados no âmbito das possibilidades idiomáticas de todas as línguas, não são, de modo algum, comparáveis a outros fenômenos da linguagem oral, aos quais meramente se atribui, em cada um dos idiomas, o *status* de contingência histórica, podendo ser apreendidos individualmente sob a perspectiva da história de uma língua. Alguns exemplos de tais marcas idiomáticas da linguagem oral, que, não por acaso, são geralmente confundidas com as diferenças diassistemáticas, serão apresentados nesta reflexão. Os exemplos são provenientes de três línguas românicas (deve considerar-se a influência diatópica no italiano mais forte do que no espanhol, e ainda mais forte do que no francês).

No campo *fônico*, é difícil – mesmo no francês – identificar marcas que não são concomitantemente caracterizadas pelas diferenças diatópicas. No

castelhano falado, o [õ] em posição final é elidido em quase todas as regiões. No italiano oral, estão ausentes as oposições fonológicas /e/-/ɛ/ e /o/-/ɔ/ na maior parte das regiões, embora não em todas. No francês oral, exceto na posição medial, o /ə/ (*e caduc*) é realizado como nulo em conjunto com a maioria das possibilidades de entorno fonético possíveis.

No campo *morfofossintático*, os tempos verbais do passado exemplificam as diferentes peculiaridades idiomáticas. Enquanto, no espanhol oral, o uso do *pretérito indefinido* e do *pretérito perfeito* não se diferencia do uso empregado no espanhol escrito, no italiano oral, ao invés da justaposição entre o *passato remoto* e o *passato prossimo*, encontra-se quase só o último na região norte e, em determinadas regiões do sul, quase só o primeiro. No francês oral, geralmente o *passé simple* é deixado de lado em função da utilização do *passé composé*.

No campo *lexical*, trata-se, nesses casos, sempre de elementos portadores da marca de registro “baixo”, diafásica e diastraticamente (familiar, popular): em francês, *fric*, *bouquin*, *flic*; em italiano, *grana* (“dinheiro”), *sbolognare*, *capuccio*; em espanhol, *chucho*, *pitillo*, *bici* (naturalmente também existem palavras marcadas pela variação diatópica).

Tais fenômenos caracterizam somente o francês oral, o italiano oral ou o espanhol oral. Eles não são derivados das discutidas condições de comunicação relativas à linguagem oral. Como isso também vale para as marcas diafásicas nos idiomas, é possível entender por que as diferenças comunicativas universais entre a linguagem da imediatez e da distância não podem, de forma alguma, ser reduzidas à dimensão diafásica (nossa diferenciação entre marcas universais e idiomáticas naturalmente não exclui o fato de certas marcas idiomáticas existirem em diversos idiomas geneticamente relacionados ou tipologicamente igualáveis).

Respondamos agora à seguinte pergunta: como a diferenciação entre a gramática da linguagem oral e da linguagem escrita pode ser avaliada? No campo das marcas universais, as linguagens oral e escrita estão relacionadas com o mesmo sistema. A linguagem oral apenas conserva uma normatização mais “aberta” e utiliza as possibilidades do sistema de forma menos intensiva. A linguagem escrita, pelo contrário, “estreita” a normatização e utiliza as possibilidades do sistema de forma mais intensiva. No campo das marcas idiomáticas, tanto as diferenciações relativas à norma quanto aquelas relativas ao sistema (no sentido atribuído por Coseriu) são possíveis e frequentes entre as linguagens oral e escrita¹⁵. Normal-

¹⁵ Cf. Coseriu (1967).

mente a justaposição das duas variedades “oral” e “escrita” não causa nenhum impacto sobre um idioma histórico. Se as diferenças idiomáticas são acentuadas entre duas variedades, existe uma situação de diglossia, como, por exemplo, na relação que existia entre o latim escrito e o latim vulgar (e como possivelmente a que se está desenvolvendo no francês). Se as diferenciações idiomáticas transcendem uma determinada medida, existe o bilinguismo: a linguagem escrita segue permanecendo como uma petrificação do próprio idioma, como demonstra a história do latim. Tais desenvolvimentos afetam, conforme foi dito anteriormente, apenas os fatos idiomáticos: as diferenças universais entre as linguagens oral e escrita não possuem, em qualquer tipo, nenhuma relação com a diglossia em idioma algum ou com o bilinguismo.

6 Observações a respeito da história da oralidade e da escrituralidade

Em nossas reflexões até o presente momento, partiu-se, de modo tácito, de certas condições, considerando-as do modo como são encontradas em sociedades cuja cultura escrita é bem desenvolvida. Esse ponto de vista simplista será deixado de lado pela observação de outras constelações históricas possíveis e do desenvolvimento histórico nos campos da escrituralidade e da oralidade.

Partindo de nosso esquema apresentado (fig.3), percebe-se que falta ao que denominamos “oralidade primária” (como a que pode ser encontrada hoje em determinadas partes do Mundo e que reconhecidamente constituiu a norma em fases primordiais da história da humanidade), logicamente, o campo correspondente da realização gráfica. Não são questionados nossos resultados obtidos até este momento por esses fatos históricos?

Nesse contexto, certamente manifesta-se como expressamente desnecessário o polo “escrito”, assim como o uso do termo “escrituralidade”. Após termos definido o contínuo das formas de comunicação não de modo medial, mas sim de modo concepcional pelos conceitos de “imediatez” *versus* “distância”, é legítimo o questionamento sobre qual a abrangência das formas de comunicação determinadas pela oralidade primária. De acordo com as condições da oralidade primária, também é necessária a consideração de certa variedade de constelações de discurso e formas de comunicação: conversação cotidiana, discurso, narrativa, charada, discursos ritualísticos, fórmulas jurídicas etc. A sequência dos exemplos já sugere que se trata de diferentes graus de imediatez comunicativa. Para não

precisarmos falar sobre a “escrituralidade”, escolhemos o conceito de “oralidade elaborada” em referência à linguagem da distância neste caso. Apenas faremos uma referência ao fato de que esta característica da linguagem da distância na oralidade muitas vezes parece ser dependente, de modo adicional, de atos ritualizados concomitantes (sinal de promessa realizado com os dedos indicador e do meio levantados, aperto de mãos firmando uma negociação, *manumissio*, a quebra do cetro sobre as costas de alguém [sinal de condenação] etc.). Tais atos possuem um caráter de criação de compromissos, “documental”, enquanto tornam um ato público. Compreensivelmente, em culturas escritas, esses atos são fortemente rescindidos face às capacidades do meio gráfico.

Um caso especialmente interessante da oralidade elaborada são os discursos artístico-estéticos que, infelizmente, são costumeiramente denominados como “literatura oral” (*oral literature*). Existe particularmente o perigo de realizar a associação entre o termo “literatura” e o conceito de texto reificado exposto acima. Desse modo, são ignoradas características constitutivas do discurso artístico-estético na oralidade primária: principalmente o aspecto processual da forma de apresentação, a encenação da recitação e a interação entre cantor, ator, narrador e seu público¹⁶.

Obviamente é verdade que, para todas as formas de oralidade elaborada, o procedimento e o meio com os quais se produz a “elaboração” se diferenciam de muitos modos dos procedimentos e meios da nossa escrituralidade. Como as sociedades de cultura oral primária possuem tradições culturais somente na forma de uma cultura da memória, os mecanismos linguísticos da oralidade elaborada devem apoiar, entre outros fatores, a memorização. Ao contrário das convicções comuns, são também aqui visíveis, com certeza, determinadas marcas universais da distância (caráter público, troca clara entre os participantes da comunicação, fixação ao tema, tendências a uma maior coerência e concisão etc.). Além disso, foram introduzidas técnicas específicas, historicamente relacionadas aos gêneros

¹⁶ Mais feliz do que o termo “literatura oral” (*oral literature*) é, sem dúvida, “poesia oral” (*oral poetry*). Em relação ao caráter da “poesia oral”, Zumthor (1983, p.56) afirma o seguinte: “tous les faits poétiques [de la poésie orale] [...] participent en quelque manière à ce qui fait l'essence du théâtre; [...] tout ce qui est dit de celui-ci peut, d'une certaine manière, l'être d'eux”. Isso torna também o contrário compreensível, pois, colocando de lado o texto narrativo dramático, “A história da literatura não pode tratar impunemente peças de teatro como texto” (ORLICH, 1984, p.431, na tradução de R. Caldas).

discursivos, que conferem qualidades estéticas ao discurso, auxiliando em grande medida na sua memorização: a utilização de fórmulas e de repetições, técnicas de rima, ritmo e melodia etc. Tais técnicas tendem a configurações linguísticas que, em geral, muitas vezes são declaradas como vestígios da oralidade em obras literárias (textos), mas que podem ser apreendidas de modo bem mais preciso, particularmente como vestígios da oralidade elaborada, caracterizada pela linguagem da distância. Conforme realçado anteriormente, tal descoberta não pode, de modo algum, ser surpreendente: as formas de oralidade primária não elaborada, pertencentes ao passado, estão irreversivelmente perdidas para nós, por não serem passíveis de transcrição *per definitionem*.

A transição para uma cultura escrita traz consigo profundas transformações, que envolvem – vamos citar apenas algumas – a organização e a transcrição de conhecimentos, a aproximação em relação ao conhecimento – fundamentalmente regulada de outra forma –, a relação do indivíduo com os conhecimentos, com a realidade da tradição e da história¹⁷. Resumidamente, nas sociedades em que ocorreu a transição para a cultura escrita, nada é como antes. O próprio analfabetismo (primário), nesse caso, não pode ser comparado com a condição de oralidade primária – que só pode ser imaginada por nós com grande dificuldade.

Após a transição para a cultura escrita, tornaram-se naturalmente importantes as diferentes formas de participação na escrituralidade: conhecimento passivo não significa, de modo algum, domínio ativo. Desse modo, a hierarquização e a especificidade da divisão histórico-social das competências *fala, audição, leitura, escrita* também definem diferentes situações culturais. Pelas condições de distribuição e possibilidades de atualização destas competências, fica claro o significado da *declamação*, do *ditado*, da *protocolização*, da *paráfrase*, e até mesmo da *tradução* em determinadas épocas históricas (considerem-se, por exemplo, os mais antigos monumentos literário-linguísticos das línguas europeias, a literatura e cultura material da Idade Média, determinados aspectos da história da Reforma

¹⁷ Surpreendentemente abrangentes são as asserções de Assman e Assman (1983, p.268): “A memória preserva o que já está presente e enriquece o presente com o passado, a escrita fixa o novo e abre o presente para o futuro. Aquele que lembra tem em vista os antepassados; aquele que escreve, os descendentes.” (trad. R. Caldas). Na transição de uma cultura oral para uma escrita não deve ser ignorado um ponto decisivo: que as tradições descendentes da oralidade elaborada não desaparecem instantaneamente, coexistindo ainda por um longo tempo com as novas tradições da escrita caracterizadas pela distância linguística, para a qual a cultura oral se converte de modo não-linear.

Protestante ou da Revolução Francesa) para o desenvolvimento e difusão de capacidades culturais e de padrões linguísticos relacionados à escrita. Nesse ponto, existe um espaço de estudos aberto entre a história da linguagem e a história social.

Como se sabe, mudanças técnicas relativas ao meio de comunicação alteram a forma de participação na cultura escrita de modo massivo. Desse modo, a expansão do meio gráfico (impressão gráfica) deu apoio à disseminação da cultura escrita; por outro lado, a expansão dos meios fônicos (técnicas modernas) ameaça afetar negativamente a forma de participação na cultura escrita, geralmente apenas passiva (é possível pensar nos termos recentes “nova oralidade”, “analfabetismo secundário”, “videocultura”).

Evidentemente, as revoluções dos meios de comunicação tendem a mudanças agudas no nível social, global. Essas são ainda agravadas, pois se constituem, na verdade, de muito mais do que da simples divisão das competências técnicas de codificação (“leitura”, “escrita”). Como se pode constatar por nossas reflexões, o aspecto concepcional também é aqui notadamente decisivo: para os participantes comunicativos, trata-se do grande valor da competência de poder atingir a máxima distância comunicativa possível, valor civilizatório fundamental e também altamente relevante no aspecto sociopolítico.

Problemas fascinantes resultam do encontro simultâneo ou da coexistência de culturas escritas e orais, fatos que podem ser encontrados constantemente na história das línguas românicas. De um lado, observa-se o caráter exemplar dos gregos no desenvolvimento do latim literário; a situação secular de diglossia e bilinguismo existente entre o latim e as línguas românicas populares; o significado da existência da cultura escrita árabe (e hebraica) na Península Ibérica; a integração do romeno no círculo cultural bizantino-eslavo. De outro, devem ser observadas determinadas épocas, como, por exemplo, a Renascença e o Humanismo, ou as consequências da alfabetização dos povos românicos. Todos esses processos deixaram marcas profundas nas características idiomáticas da escrituralidade. Desse modo, a história completa das línguas românicas é influenciada pelo contato e pelo intercâmbio de formas linguísticas da oralidade e da escrituralidade: isso é válido para os primeiros impulsos de textualização dos idiomas românicos populares (inclusive as línguas românicas crioulas atuais), para o desenvolvimento dos padrões de escrita românicos particulares e para o estabelecimento das línguas românicas como linguagens escritas e, finalmente – em direção oposta –, também

para os respectivos processos de nivelamento na linguagem falada nas línguas românicas.

É nossa convicção que os pontos de vista mencionados e o instrumental sugerido permitem uma compreensão nova e precisa sobre os aspectos relativos ao meio e ao conceito, universais e idiomáticos, da oralidade e da escrituralidade. Desse modo, representações relativas à história das línguas românicas podem ser lidas de forma diferente – a seu tempo, elas certamente precisarão ser reescritas. Pensamos em representações histórico-linguísticas que se distanciam do interesse primário nos desenvolvimentos dos padrões de escrita; que consideram o “contato linguístico” entre linguagens escritas não somente de forma “horizontal”, mas também “vertical” (dentro de uma língua e entre as línguas); que dirijam sua atenção continuamente tanto a fenômenos fônicos, morfossintáticos e semântico-lexicais quanto a fenômenos pragmático-textuais; e que, para finalizar, compreendam de modo diferenciado aspectos idiomáticos e universais do desenvolvimento das variedades oral e escrita. Somente desse modo é possível realmente conciliar a história interna com a história externa da língua¹⁸.

¹⁸ A prática historiográfica prévia é esclarecida também pelo acesso muito mais fácil às tradições caracterizadas pela distância linguística e aos textos. Certamente a obtenção de material linguístico caracterizado pela imediatez, de modo diverso, apresentou grandes dificuldades metodológicas aos linguistas, pois as formas linguísticas relevantes são apreendidas como se fossem reflexões dos textos escritos provenientes de um espelho de distorção – expressão usada por Wolfgang Raible. Esse problema era conhecido pelo romantismo há muito tempo, no âmbito das investigações do latim vulgar: Tagliavini (1972, § 46) fala explicitamente sobre as “*Fonti per la conoscenza del cosiddetto ‘Latino volgare’*” (também conforme Coseriu (1978)). Do interesse pelo conhecimento (origem das línguas românicas) surgiu a necessidade metodológica da análise da linguagem oral - extremamente contrária à prática de representação das histórias das línguas românicas individuais. Até hoje o termo “antiguidade do francês oral” pode ser registrado como uma abertura nos interesses, cujas consequências também provocam discussões relativas aos problemas metodológicos relativos à situação e condição das fontes. Um apelo à adoção de uma perspectiva linguístico-histórica global, para a qual os problemas da oralidade e da escrituralidade são centrais, está contido em Schlieben-Lange (1983).

Referências

ASSMANN, Aleida; ASSMANN, Jan. Schrift und Gedächtnis. In: ASSMANN et al. (Eds.). *Schrift und Gedächtnis. Beiträge zur Archäologie der literarischen Kommunikation*. Munique: Fink, 1983, p. 265-284.

BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. Berna: Francke, 1965.

BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Jena: Fischer, 1934.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios*. (Biblioteca Románica Hispánica, II, 61). Madrid: Gredos, 1967, p. 11-113.

_____. *Einführung in die strukturelle Betrachtung des Wortschatzes*. Tübinga: Spangenberg, 1970.

_____. Die sprachlichen (und die anderen) Universalien. In: SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (Ed.) *Sprachtheorie*. Hamburg: Hoffman und Campe 1975, p. 127-161.

_____. Das sogenannte Vulgärlatein und die ersten Differenzierungen in der Romania. In: KONTZI, Reinhold (Ed.). *Zur Entstehung der romanischen Sprachen* (Wege der Forschung 162). Darmstadt: WBG, 1978, p. 257-291.

_____. *Lecciones de lingüística general*. (Biblioteca Románica Hispánica, III, 51). Madrid: Gredos, 1981a.

_____. *Textlinguistik. Eine Einführung*. Tübinga: Gunter Narr, 1981b.

FLYDAL, Leiv. Remarques sur certains rapports entre le style et l'état de langue. In: *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap* 16, 1951, p. 240-257.

GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. Nova Iorque, etc.: Academic Press, 1979.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. In: *Romanistisches Jahrbuch*, 36. Berlin; Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1985, p. 15-43.

_____. *Lengua hablada en la Romania. Español, Francés, Italiano* (Biblioteca Románica Hispánica. Estudios y Ensaos; 448). Madrid: Gredos, 2007.

_____. Language of Immediacy – Language of Distance: Orality and Literacy from the Perspective of Language Theory and Linguistic History. In: LANGE, Claudia; WEBER, Beatrix; WOLF, Göran (Eds.): *Communicative Spaces. Variation, Contact, and Change. Papers in Honour of Ursula Schaefer*. Francoforte do Meno, etc.: Peter Lang, 2012, p. 441-473.

LAUSBERG, Heinrich. *Romanische Sprachwissenschaft*. Vol. I: *Einleitung und Vokalismus* (Sammlung Göschen 128/128a). Berlin: de Gruyter, 1963.

LYONS, John. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

_____. *Language and linguistics: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

OLSON, David. R. From utterance to text: The bias of language in speech and writing. *Harvard Educational Review*, 47. 1977, p. 257-281.

ORLICH, Wolfgang. ‘Realismus der Illusion – Illusion des Realismus’.

Bemerkungen zur Theaterpraxis und Dramentheorie in der Mitte des 18. Jahrhunderts. In: *Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte* 8, 1984, p. 431-447.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1916.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *Traditionen des Sprechens. Elemente einer pragmatischen Sprachgeschichtsschreibung*. Estugarda, etc.: Kohlhammer, 1983.

SÖLL, Ludwig. *Gesprochenes und geschriebenes Französisch* (Grundlagen der Romanistik 6). Berlin: Erich Schmidt, 1985.

TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine. Introduzione alla filologia romanza*. Bolonha: R. Pàtron, 1972.

ZUMTHOR, Paul. *Introduction à la poésie orale*. Paris: Seuil, 1983.

Recebido: 16/03/2013

Aprovado: 20/06/2013